

25<sup>th</sup> APRIL - 40 YEARS

The military coup of 25<sup>th</sup> of April of 1974 in Portugal unexpectedly opened the way to the third wave of democratisation processes in Southern Europe, which would extend to Greece in 1975 and Spain in 1977. In the following decade, the end of the Cold War would trigger a similar process in Latin America and in Central and Eastern Europe. At a time of no major pro-democratising international constraints and still in the midst of the cold war, the political rupture brought about by the Portuguese military gave rise to a simultaneous process of democratisation and decolonisation of the last lingering European colonial empire.

The singularity of the Portuguese case was precisely the democratising intervention of the movement of the captains, rare if not unique in the XX century. In contrast to Spain, Portugal experienced a transition through collapse and Greece through rupture; however the Portuguese democratisation was accompanied by a strong crisis of the State. The nature of rupture of the transition, but above all the crisis of the State which it triggered, marked the most complex characteristics of the transition and some dimensions of attitudes regarding the dictatorial past, during this period. Both converged in a double legacy to democratic consolidation, from 1976 onwards.

Portugal, as occurred in Greece and Spain, progressively consolidated its democracy, fully integrated in the European Union in the 1980's.

The European Community, as a reference of a developed Europe, played a very important role in democratic consolidation in Portugal, Greece and Spain, not only in the economic field but also in the political sphere.

The decolonisation, consolidation of democracy, European Union membership and social change of the last decades of the twentieth century have since swept away many of the legacies which presided over the singularity of Portugal's democratic transition, and the 25<sup>th</sup> of April of 1974 is still seen by Portuguese society as the strongest positive symbol of its contemporary history.

## Dados Técnicos / Technical Data

**Emissão / issue** - 2014 / 04 / 14

**Selos / stamps**

N20g. - 155 000

I20g. - 115 000

**Bloco / souvenir sheet**

com 1 selo / with 1 stamp

€ 3,00 - 44 500

**Design**

Atelier B2

**Créditos / credits**

Selos / stamps

N20g. - Manhã de dia 25 de Abril, Terreiro do Paço, Lisboa.

Momento decisivo em que o Regimento de Cavalaria 7

adere à Revolução. Maia Loureiro com um gesto vitorioso

e Salgueiro Maia vem a morder o lábio. Diria mais tarde em

entrevista a Fernando Assis Pacheco que foi para não chorar.

Foto, Eduardo Gageiro

I20g. - Rua 1.ª de Dezembro, Lisboa.

Foto, Henri Bureau / Sygma / Corbis

**Bloco / Souvenir sheet**

Fundo / background

Fotos, Henri Bureau / Sygma / Corbis; EFE / rba / Fotobanco;

Keystone Pictures USA / ZUMAPRESS / Fotobanco

**Capa da pagela / brochure cover**

Praça General Humberto Delgado, Porto.

Foto, Marques Valentim / Fotobanco

**Agradecimentos / acknowledgments:**

A todas as pessoas retratadas que não foi possível contactar.

**Papel / paper** - FSC 110 g./m<sup>2</sup>

**Formato / size**

selos / stamps - 40 x 30,6 mm

bloco / souvenir sheet - 125 x 95 mm

**Picotagem / perforation**

Cruz de Cristo / Cross of Christ 13 x 13

**Impressão / printing** - offset

**Impressor / printer** - INCM

**Sobrescritos de 1.ª dia / FDC**

C5 - €0,75

C6 - €0,56

**Pagela / brochure** - €0,70

**Obliteraões do 1.º dia em**

**First day obliterations in**

Loja CTT Restauradores

Praça dos Restauradores, 58

1250-998 LISBOA

Loja CTT Município

Praça General Humberto Delgado

4000-999 PORTO

Loja CTT Zarco

Av. Zarco

9000-069 FUNCHAL

Loja CTT Antero de Quental

Av. Antero de Quental

9500-160 PONTA DELGADA

**Encomendas a / Orders to**

FILATELIA

Av. D. João II, LT. 1.12.03, 1.º

1999-001 LISBOA

**Colecionadores / collectors**

filatelia@ctt.pt

www.ctt.pt

O produto final pode apresentar pequenas diferenças.

Slightly differences may occur in the final product.

Design: Design&etc / Helder Soares

Impressão / printing: Futuro Lda.



**25** 40 ANOS  
**DE ABRIL**



O golpe militar de **25 de Abril de 1974** em Portugal abriu de forma inesperada a chamada terceira vaga dos processos de democratização na Europa do Sul, que se estenderia à Grécia, em 1975, e à Espanha, em 1977. Na década seguinte, o fim da Guerra Fria iria desencadear o mesmo processo na América Latina e na Europa Central e Oriental. Ainda sem grandes constrangimentos internacionais pró-democratizadores e em plena guerra fria, a rutura política provocada pelos militares portugueses deu lugar a um processo simultâneo de democratização e descolonização do último império colonial europeu.

A grande singularidade do caso português foi precisamente a intervenção democratizante do movimento dos capitães, rara senão única no século XX. Ao contrário de Espanha, Portugal conheceu uma transição por colapso e a Grécia por rutura, mas a democratização lusa foi acompanhada por uma forte crise do Estado. A natureza de rutura da transição, mas sobretudo a crise do Estado que esta desencadeou, marcou as características mais complexas da transição e algumas dimensões das atitudes perante o passado ditatorial, durante este período. Ambas confluíram num duplo legado à consolidação democrática, a partir de 1976.

Portugal, tal como a Grécia e a Espanha, consolidou progressivamente a sua democracia, e tornou-se entretanto numa democracia moderna, plenamente integrada na União Europeia nos anos oitenta do século XX.

A Comunidade Europeia, enquanto referência da Europa desenvolvida, desempenhou um papel muito importante na consolidação democrática em Portugal, na Grécia e na Espanha, não apenas no campo económico mas também no campo político.

A descolonização, a consolidação da democracia, a adesão à União Europeia e a mudança social das últimas décadas do século XX apagaram então muitas das clivagens que presidiram à singularidade da transição democrática portuguesa, mas o 25 de Abril de 1974 é ainda visto pela sociedade portuguesa como o símbolo positivo mais marcante da sua história contemporânea.

António Costa Pinto

